



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA (UNILAB)  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IH)  
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**Ireclene António Domingos**

**ESTIGMATIZAÇÃO TERRITORIAL:  
CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS NA VIDA DOS JOVENS DO CAZENGA -  
LUANDA – ANGOLA**

**REDENÇÃO - CE**

**2018**

**Ireclene António Domingos**

**ESTIGMATIZAÇÃO TERRITORIAL:  
CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS NA VIDA DOS JOVENS DO CAZENGA -  
LUANDA – ANGOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos

REDENÇÃO – CE

2018

## **Agradecimentos**

Agradeço primordialmente a Ngana Nzambi (Deus), por ter sido meu sustento e ter me fortalecido em todos os tempos.

Aos meus pais, irmãos, tias e tios que têm sido a minha armadura em todas as lutas que travo, focado no sonho de que tudo dará certo para nós. Dizer-vos que seus sacrifícios jamais serão em vão. O meu especial agradecimento a minha querida Avó, Marcela Manuel Rodrigues que me criou com amor e sacrifício. Aos meus amigos que tem sido meus companheiros de luta, meus irmãos de mães e pais diferentes, que tudo fazemos para que a nossa vitória continue sendo no plural.

Agradecimentos ao meu orientador, professor Thiago Vasconcelos, por toda disponibilidade, pelas correções e paciência que teve comigo durante toda a formação do BHU, especialmente durante o processo de orientação.

Ao professor Adolfo Pereira Júnior, meus agradecimentos por todo o incentivo e companheirismo. Agradeço aos colegas de turma, de Universidade tal como todos os funcionários da UNILAB, pelos serviços prestados a nós os estudantes. Enfim, estou ciente do esforço, do profissionalismo e do apreço que os nossos professores têm tido para com todos nós. A todo corpo docente, o meu muito obrigado.

## RESUMO

O presente projeto tem como objetivo analisar as consequências psicossociais da “estigmatização territorial” (WACQUANT, 2006) entre jovens do município do Cazenga, um dos municípios que constituem a província de Luanda – Angola. Cazenga enfrenta diversos problemas sociais nomeadamente no setor da saúde, educação e saneamento básico, com alto índice de jovens desempregados e aumento da criminalidade. O município é apresentado como excêntrico, tratado por alguns como o “bairro de lata”, onde quem lá vai não se desenvolve, além de ser retratado pela mídia como o lugar da violência. Esse conjunto de representações tornam os munícipes alvos de identidades estereotipadas e preconceituosas, gerando consequências psicossociais. A análise se organizará em três vetores: 1) o processo de desenvolvimento histórico - social e urbano de Cazenga; 2) a construção de representações sobre o município a partir da imprensa, dos discursos e ações dos poderes públicos e de movimentos de contestação social; 3) as consequências psicossociais da estigmatização territorial na vida de jovens. Optou-se por a uma abordagem qualitativa, com base em análise de dados oficiais e de imprensa, e em entrevistas com os agentes sociais do município do Cazenga. Residentes no município e oriundos (estudantes angolanos que moravam no Cazenga e residem atualmente no Brasil).

**Palavras-chave:** estigmatização territorial; Angola; juventude

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>7</b>
<b>2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>7</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>8</b>
<b>4. PROBLEMATIZAÇÃO / CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....</b>	<b>9</b>
<b>5.HIPÓTESES.....</b>	<b>12</b>
<b>6.REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>7. O conceito de Estigma.....</b>	<b>14-15</b>
<b>7.1 O estigma territorial.....</b>	<b>16-19</b>
<b>7.2 O Conceito de Gueto.....</b>	<b>19 -22</b>
<b>8. REFLEXÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>23-24</b>
<b>9. PLANO DE ATIVIDADES E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES.....</b>	<b>26-27</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

O Cazenga é um dos municípios que constitui a província de Luanda, a capital de Angola. O município ocupa uma dimensão territorial de 41.6 km<sup>2</sup> e é constituído pelas seguintes comunas: Hoji Ya Henda (Zona 17), Cazenga (Zona 18) e Tala Hady (Zona 19), limitado a Norte pelo município do Cacucaco, ao Sul pelos distritos de Kilamba Kiaxi e Rangel, a Leste pelo município de Viana e a Oeste pelo Sambizanga com cerca de 2 milhões de habitantes. Cazenga está situado numa região semiárida de clima tropical quente e seco, com uma estação chuvosa de novembro a abril e uma estação seca de maio a outubro.

Na década do século XVII, a região onde está situada o atual município do Cazenga era uma zona habitada por animais selvagens, pois era distante dos conjuntos habitacionais de Luanda. Aponta-se que nos finais de 1960, o Estado colonial português construiu os "Bairros indígenas". Tais bairros tinham um traçado de ruas de forma organizada que delimitavam quarteirões, o que permitia que autoridades coloniais tivessem controle dos moradores. Pois esses lugares eram destinados para a população africana que foi expulsa de áreas onde vivia. As tais áreas ganharam importância devido à rápida expansão da cidade e da população europeia que acabavam chegando. Assim, a população africana foi empurrada para a periferia, o que veio a dar origem então aos musseque<sup>e</sup> num sucessivo aumento da densidade populacional nesses lugares. A esta população juntou-se migrantes que vinham do interior do país, empolgados na busca de melhores condições de vida em Luanda.

Dentre os bairros indígenas, havia o bairro do Cazenga que era considerado como um bairro distante e isolado e assim, durante muito tempo teve uma taxa de ocupação baixa em comparação com outros bairros. Já no final do tempo colonial, viu-se a população de origem europeia sendo instaladas nas zonas periféricas da cidade. A partir daquela altura, o bairro Cazenga como bairro periférico, começou a receber melhoramentos urbanísticos de modo a ser parte urbanizada e integrada a cidade de Luanda. Portanto, a partir de 1975, a guerra civil provocou a fuga de milhares de pessoas do interior do país para o litoral e, em particular, para a capital, sendo o Cazenga a zona que maior número de refugiados acolheu, o que certamente explica o índice elevado de sua população (UCCLA,2013).

## **OBJETIVOS**

### **2. OBJETIVO GERAL**

- Descrever as consequências psicossociais da estigmatização territorial na vida dos jovens do Cazenga.

#### **2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Caracterizar o processo de desenvolvimento histórico - social de Cazenga e a atuação do poder público no município;
- Analisar as representações sobre Cazenga presentes na imprensa, dos discursos e ações de atores políticos e de movimentos de contestação social.
- Analisar a intervenção da Polícia Nacional da Ordem Pública frente às questões ligadas à criminalidade e insegurança;
- Analisar o olhar dos jovens do Cazenga sobre a realidade do território, a atuação do governo e suas dificuldades relacionadas à preconceitos.

### 3. JUSTIFICATIVA

Por inúmeras inquietações sobre questões sociais no município do Cazenga, vi-me chamado ao dever de contribuir de alguma forma para o desenvolvimento desse município que me viu crescer e que de certo modo me deu as primeiras visões de mundo. O município carrega consigo uma narrativa histórica importante para o país. Na cidade, em forma de honra aos heróis nacionais, existe o *marco histórico do Cazenga*<sup>1</sup>, construído aos 19 de setembro de 2005. O lugar é prestigiado por servir de campo de treino, quando os homens que protagonizaram a chamada luta armada de libertação nacional aos 4 de fevereiro em 1961 começaram a preparar-se pegando em catanas para invadir as cadeias, esquadras da polícia e outros pontos estratégicos da força colonial portuguesa em Luanda, a capital de Angola.

Hoje enquanto estudante residente no Brasil, munido das experiências vividas no município do Cazenga, senti a urgência da produção de materiais acadêmicos de narrativas do passado e do presente, perspectivando de forma reflexiva o futuro desse município que um dia já foi considerado o município mais populoso do país. Atualmente, por vários fatores, o desemprego, a pobreza, e o índice de criminalidade tem se intensificado no município, como afirmam alguns moradores locais e como se tem ouvido nos discursos midiáticos. Ora bem, o número ínfimo de estudos preocupados a refletir sobre os efeitos da estigmatização em territórios de Angola, sobretudo nos lugares mais pobres, acaba por ser um dos fatores galvanizantes para o empreendimento dessa pesquisa que se singulariza pelo estudo das consequências psicossociais da estigmatização territorial na vida dos jovens do Cazenga. Entendo que “[...] a ciência procura estabelecer leis e teorias gerais que sejam aplicáveis ao estudo do maior número possível de fenómenos” (PRAIA, J.; GIL-PÉREZ, D.; VILCHES, A, 2007, P.149). E é assim que esperamos que esse trabalho venha a galvanizar iniciativas para continuarmos a promover estudos situados que levem em conta as subjetividades de quem está lidando com essas situações em suas vivências, contribuindo assim para que esses agentes busquem autonomia e que sejam capazes de fazer releituras das suas próprias realidades, como sugeriu Paulo Freire (1981).

---

<sup>1</sup> ([Http://www.redeangola.info/roteiros/marco-historico-do-cazenga/](http://www.redeangola.info/roteiros/marco-historico-do-cazenga/))

#### 4. PROBLEMATIZAÇÃO / CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Atualmente, aos 42 anos de independência e 16 anos de “paz das armas” em todo o território nacional, verifica-se que o município do Cazenga ainda enfrenta diversos problemas sociais, nos setores da saúde, educação e saneamento básico, apresentando então um cenário precário no que tange a estrutura urbana. Embora essa precariedade não seja exclusiva do município do Cazenga. Como visto em Daniel dos Santos:

A capital de Angola, Luanda, passou de cerca de 500 mil moradores – no momento da Independência, em 1975 – a cinco milhões em 2011 (estimativas não oficiais), ou seja, a população decuplicou em 26 anos. Apesar de seu lugar de destaque na sociedade angolana, Luanda corresponde à imagem do país e cerca de 50% do tecido urbano da cidade é formado por *musseques*[...](DOS SANTOS,2015,p.100).

Associada a essa situação, está o índice de jovens desempregados no Cazenga. O desemprego como um dos marcadores sociais há muito questionado e clamado pelos próprios munícipes que de alguma forma sentem que as políticas públicas foram esquecidas para com o município. Outra questão a somar é a criminalidade que tem sido frequentemente associado ao município pelo discurso midiático. Várias vezes o município do Cazenga foi marcado pela mídia como o bairro dos delinquentes, assim como foi taxado aos 16/12/2009 como “o lugar proibido de se viver” pelo jornal “Angonotícias”.

Além de ser negligenciada pelas políticas de Estado e a *elite* dos predadores (Pepetela, 2005; Thioub, 2010), a grande maioria dos cidadãos pobres é frequentemente ignorada ou desprezada (Honnet, 2000; 2006) tanto pelos discursos falsamente éticos como pelas práticas injustas das primeiras (as políticas de Estado) e da segunda (a *elite* dos predadores)(DOS SANTOS,2015,p.103).

É assim que, os munícipes (Jovens) do Cazenga que por um lado sofrem com a violência interna no município, grande parte deles vejam-se indignados na medida em que recorrem a outros lugares à procura de emprego. Pois o que se insinua na mídia é que os moradores do município de Cazenga são vândalos, popularmente conhecidos como “os jovens matumbos<sup>2</sup> do Cazenga”. Diante disso nos atentamos a pensar como este público reflete e reage à mácula que os oprime e restringe em outros espaços? Visto que dada a insatisfação de alguns moradores do Cazenga, no dia 07 de abril de 2018, por volta das 14 horas, um grupo de pessoas em sua maioria jovens

---

<sup>2</sup> Boçal, rafeiro, ignorante, na gíria dos luandenses.

(ativistas) realizaram uma *marcha de protesto* em direção à administração municipal exigindo a demissão do ex-administrador municipal, Vitor Natanael de Oliveira Guilherme Narciso, popularmente conhecido por Tany Narciso. Administrador que administrou o município durante 10 anos (2008-2018).

A mobilização para marcha, deu-se inicialmente nas redes sociais, tendo como objetivos centrais, reivindicar pelas escolas que foram desativadas (ex.: Angola e Cuba e Nova Luz) e pelos centros Hospitalares desativados como o Centro de saúde do Hoji-ya-henda e o antigo centro de saúde do Asa Branca, esse que anos depois retomou em obras, mas com a finalidade de ser um centro comercial privado. Em grito de insatisfação, os jovens exclamavam o número elevado de desempregados, assim como questionavam a quase inexistência de políticas públicas para com o município, mencionando a falta de saneamento básico de qualidade (água, luz, serviços de recolha de lixo e as vias degradadas que há muito têm dificultado o serviço de taxi, principalmente em épocas chuvosas). Essas formas de reivindicações tiveram sequencias nas redes sociais, até que no dia 31 de julho de 2018, o então administrador foi exonerado (a seu pedido) de cargo de administrador pelo governador provincial de Luanda Adriano Mendes de Carvalho. Atualmente o município é administrado por Albino da Conceição José<sup>3</sup>.

No entanto vale realçarmos que neste projeto não se pretende exatamente uma análise das reivindicações políticas dos moradores, mas sim de um processo estruturante em situações de segregação urbana, anterior às próprias reivindicações e presente como uma de suas motivações: a “estigmatização territorial” (WACQUANT, 2006) dos moradores do Cazenga, especialmente jovens, relacionada à ausência e/ou precariedade de políticas públicas e a forma depreciativa como se é avaliado ou julgado por agentes de outros lugares e assim pensarmos quais os impactos desta situação para a juventude.

Outrossim, interessa-nos pensar o município do Cazenga sem deixar de enquadrá-lo como parte de uma unidade social ainda maior, a província de Luanda – Angola, embora essa não seja nossa prioridade nesse projeto.

O acesso aos serviços públicos nos municípios da área peri-urbana de Luanda é insuficiente e precário. Há uma grande carência de infraestrutura e recursos humanos, indispensáveis para a provisão de serviços como saúde, educação, registo civil e abastecimento de água e energia. Mesmo onde a provisão desses serviços ocorre mais ou menos regularmente, a sua qualidade e eficiência situam-se bem abaixo dos padrões e das expectativas da população (INE 2013, Tvedten, Lázaro et al. 2016, apud INGE TVEDTEN, GILSON LÁZARO, EYOLF JUL-LARSEN, MATEUS AGOSTINHO, 2018, p.18).

---

<sup>3</sup> Fonte: www.CLUB-K.net.

Atualmente o salário mínimo em Angola é de 18.400 kuanzas por mês<sup>4</sup>, porém, é frequentemente mais baixo e/ou pago intermitentemente"( INGE TVEDTEN, GILSON LÁZARO,EYOLF JUL-LARSEN, MATEUS AGOSTINHO, 2018, p.18). O que de alguma forma justificava a necessidade de se recorrer a tantos outros tipos de trabalhos extras. Aponta-se também que os empregos formais não garantem segurança, dada a falta de verdadeiros sindicatos. Outro ponto de dificuldade que se soma a essa situação, consiste nas viagens longas e caras que os munícipes das zonas periféricas fazem diariamente para chegarem ao local de trabalho. Uma situação difícil, mas que ainda assim tais empregos formais são preferíveis aos mesmos. Diz-se que talvez seja pelo estatuto que dá, particularmente aos homens de quem se espera que sejam a principal fonte de rendimento" (G.LÁZARO, E. JUL-LARSEN, M.AGOSTINHO, relatório, 2018)

O que levaria-nos a questionar ; Rendimento para quem? Até que ponto o trabalho tem dignificado os jovens nesses contextos, se não internalizá-los numa situação de explorados dada a mão de obra barata, nessa lógica de mercado formal? Então, a adequação em dialogarmos com a psicologia, que segundo Moura Jr., J. F., Cidade, E. C., Ximenes, V. M., Sarriera, J. C (2014, p.346-347) "[...] essa irá contribuir não mais com a disposição de referenciais teóricos e técnicos para a manutenção e reprodução do capital, mas sim, como campo de conhecimento capaz de denunciar as estratégias de domínio e controle dos grandes contingentes de pessoas que se constituem como força de trabalho explorada e submissa".

Nesse sentido, esta pesquisa vem somar para a compreensão de diversas questões que os lugares considerados periféricos no mundo têm enfrentado, com ênfase nos efeitos psicossociais da estigmatização associado à pobreza, ao território e à violência.

---

<sup>4</sup> Moeda nacional de Angola. Valor mencionado aproximadamente a 250 reais(Brasil).

## **5. HIPÓTESES**

1. A criação de um estigma territorial no Cazenga, atualizado pela representação de bairro perigoso, reverbera estigmas históricos associados aos bairros indígenas e aos refugiados da guerra civil;

2. A manutenção do estigma se relaciona principalmente à condição periférica e dependente em relação ao mercado de trabalho em Luanda e a falta de políticas públicas para juventude;

3 A estigmatização é um dos principais freios à criação de uma rede de solidariedade para recuperação do desenvolvimento do município.

## 6. REFERENCIAIS TEÓRICOS

Neste projeto busca-se trazer teóricos que nos permitirão analisar as representações depreciativas e assim nos atentarmos nas consequências psicossociais do fenômeno do “estigma territorial” com vista a necessidade do bem-estar. De início temos que afirmar nossa compreensão de bem-estar, que se dará de modo amplo, não como conceito simplesmente baseado na renda e na aquisição de bens de consumo, mas abordando questões pessoais e condições contextuais, estruturais, sociais e ideológicas:

O Bem-Estar Pessoal (BEP), parte de avaliações subjetivas e objetivas, abrangendo tanto o bem-estar subjetivo, como o psicológico (Ribeiro & Cummins, 2008). O núcleo central do BEP é constituído dos conceitos básicos: satisfação global com a vida, felicidade e satisfação com os âmbitos da vida. Há, igualmente, um conjunto de núcleos periféricos que apresentam correlações positivas com essas categorias centrais acima identificadas, sendo representadas pela autoestima, percepção de controle, apoio social percebido, otimismo vital, entre outros (Casas, 2010). Tais conteúdos identificados no sujeito não são oriundos de um processo individual dissociado dos aspectos sociais[...] (MOURA JR., J. F., 2014, p.347)

Tal compreensão se dá pela necessidade de nos posicionarmos “contra a estrutura de exploração que vitima e culpa os pobres, retira do Estado a responsabilidade pelas mazelas sociais e as atribui aos indivíduos, fragmenta as noções de coletividade” e destina aos sujeitos excluídos da distribuição da riqueza das nações o lugar de problema social (OLIVEIRA e AMORIM, 2012, pp. 564-565, MOURA JR., 2014, p.347). Em outras palavras, a identificação com a pobreza ocasiona grandes repercussões na vida das pessoas e leva ao silenciamento da “heterogeneidade de sujeitos, de contextos sociais, de culturas e de liberdades pessoais” (SEN, 2000 apud MOURA JR., 2014, p. 344). Entendemos, nesse sentido, que é de fato necessário uma epistemologia do fenômeno pobreza, assim como todos os discursos que o acompanham.

Cidade (2012) afirma que às pessoas pobres são geralmente acusados de variadas formas de discriminação. Concebidas como criminosas, violentas, culpadas pela sua situação de pobreza, vagabundas, sujas, doentes e causadoras de mazelas sociais. A pobreza, então, funciona como uma estratégia de manutenção do *status quo*. Tal como (GÓIS, 2008, apud MOURA JR., J. F., CIDADE, E. C., XIMENES, V. M., SARRIERA, J. C., 2014, p.343) Há a uma série de práticas, valores e crenças que delimitam o modo de viver dos pobres, desenvolvendo uma forma específica de identidade que é “negada, sofrida, desamparada, frágil

e também violenta”. Uma serie de representações que certamente configuram a estigmatização, essa que como já vimos; deterioriza o território, as visões de mundo, o psicológico dos indivíduos:

A ambiguidade dessa associação criminalidade/pobreza tem sido discutida por vários autores e permanece um tema altamente polêmico. Mas é necessário salientar um dos aspectos cruciais da questão -, e cujas consequências são dramáticas para a população socioeconomicamente marginalizada: uma vez que os pobres são, automaticamente, "os principais suspeitos", justificam-se os procedimentos violentos e arbitrários da polícia. A estigmatização do pobre como "marginal" - no sentido pejorativo da palavra, comum a polícia e a imprensa - é incorporada por vários setores da população, que chegam a apoiar ostensivamente a ação brutal das "batidas" nas favelas, nos bairros miseráveis, bem como os "rondões" urbanos e, evidentemente, as prisões ilegais "para averiguações". (BENEVIDES, 1983, p.50).

Assim sendo, os estudos sobre pobreza, segregação urbana e estigmatização territorial serão sempre adentrados e projetados de modo a servirem de estratégias de redução da pobreza e de todos outros fatores que com ele interagem. Buscar ser eficiente, avançando em direção ao reconhecimento das necessidades peculiares dos indivíduos inseridos em um dado contexto social[...] possibilitando a inserção de novos elementos para uma leitura ampliada desses fenômenos. (MOURA JR., J. F., CIDADE, E. C., XIMENES, V. M., SARRIERA, J. C., 2014).

## **7. O conceito de Estigma**

De modo a se ter uma compreensão sólida sobre o fenômeno “estigmatização territorial” (WACQUANT, 2006), inicialmente atentamos-nos aos teóricos de Erving Goffman. Este autor conta que:

Os gregos [...] criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. [...] na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. Além disso, houve

alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação. (GOFFMAN, 1963, p.5).

Contudo, os estudiosos não teriam feito muito esforço para descrever as condições estruturais do estigma, ou mesmo para fornecer uma definição do próprio conceito. Nesse sentido, Goffman busca definir o estigma como um julgamento de

[...] descrédito, [...], uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real [...] de [...] um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana, mas que possui um traço que se pode impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (GOFFMAN, 1963, p.6 - p.7).

A principal consequência do estigma é tanto psicológica como social:

Por definição [...] acredita-se que alguém com um estigma não seja completamente humano e com base nisso, faz-se vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente [...] reduz-se suas chances de vida [...] se construindo assim uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (GOFFMAN, 1963, p.10).

Ou seja, o estigma é um mecanismo social de exclusão e desumanização, que repercute de fora para dentro, na forma de coerções, como de dentro da fora, na forma de mecanismos psicológicos de dúvida e de anulação das próprias capacidades e da própria identidade.

Goffman apresenta-nos três categorias de estigma nitidamente diferentes: em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas; em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 1963, p.7).

Na prática, são muitas as sobreposições entre os estigmas. No presente estudo abordaremos a imbricação entre estigmas a partir da noção de território.

### 7.1. O estigma territorial

No entanto, a fim de descrevermos com exatidão a concepção do estigma, tomaremos inicialmente a discussão sobre o surgimento da marginalidade avançada (WACQUANT, 1997), onde vimos que são novas formas de encerramento social excludente e de marginalização que se intensificaram na cidade pós- fordista, sendo consequência das transformações desiguais e desarticuladas dos *setores mais avançados* das sociedades e das economias ocidentais (SASSEN, 1991; MINGIONE, 1991; THRIFT, 1993, apud WACQUANT, 1997, p. 132).

Assim, detalha-se que o termo “avançado” pretende indicar que as tais formas de marginalidade não estão no passado, mas sim e exatamente são formas que também se colocam no futuro (WACQUANT, 1997, p.133). Com vista a este detalhe, percebe-se a necessidade de se desconstruir para se ajustar as estruturas políticas e económicas que sustentaram e ainda sustentam a desigualdade social e toda outra forma de violência imposta aos bairros periféricos sobretudo aos jovens que acabam sendo os alvos principais, quando nos referirmos por exemplo, o número elevado de desempregados. Espera-se que sejam elaboradas novas formas interventivas que possam realmente promover a igualdade social. Direcionando críticas a exploração nos mercados de trabalhos informais e até mesmo "formais". Pois do contrário, continuará se verificar grupos e territórios sendo estigmatizados, por se encontrarem em situações precárias. E o pior; subjugadas por uma situação que lhes é atribuída e não requerida. Ainda sobre o surgimento da marginalidade avançada, Wacquant conta que

Na França e em vários outros países da Europa Ocidental, um verdadeiro pânico moral surgiu com o aumento da “*nova pobreza*”, com a formação de “guetos para imigrantes” e com a conseqüente ameaça que estes representam para a integração nacional e para a ordem pública. [...] Em ambos os lados do Atlântico, o tema da dualização ou da polarização das cidades tomou-se a preocupação central das áreas de ponta tanto da pesquisa quanto da teoria urbanas, enquanto os extremos “alta sociedade” e “gueto sombrio”, “riqueza suntuosa” e “destituição absoluta”, “burguesia cosmopolita” e “excluídos urbanos” floresceram e decaíram lado a lado. Juntos, esses eventos pareciam indicar uma convergência mundial notável dos padrões de marginalidade urbana. (WACQUANT, 1997, p.131)

Mas afirma-se que a análise focalizada ao arranjo organizacional, da localização estrutural e da composição dos territórios de exclusão que surgiram ao longo dos tempos, sugerem o estigma territorial como o banimento forjado de uma população estereotipada negativamente em um território específico, no qual se desenvolve um conjunto de organizações

específicas de grupo e de território – esse último que tendem a ser classificado como mero "espaço" concebido como o vácuo, sujeito a despolitização e que deve ser temido ou abandonado. É assim que se prolifera a difamação sobre o mesmo (WACQUANT, 1997).

A autora (BEZERRA, 2011) aponta que "viver nas periferias de grandes centros urbanos tem efeitos sobre a produção das auto-imagens, dos discursos, das práticas sociais de seus moradores, bem como das imagens e ações desenvolvidas pelo Estado diante dos habitantes locais". Tal como vimos ainda em (WACQUANT, 2006, p.29) Que esses lugares estejam ou não deteriorados, sejam ou não perigosos e a sua população seja ou não essencialmente composta de pobres, minorias e estrangeiros, tem pouca importância, no fim de contas: a crença preconceituosa [...] basta para engendrar consequências socialmente nocivas". Então percebe-se que as crenças preconceituosas sobre um determinado lugar não surgem naturalmente, mas que são elementos subjetivos que fazem parte de um jogo de privilégio cujo o conjunto de representações sobre o outro, serve de meio para que se determine os direitos e os não direitos que este deve ter dentro do tecido social. Como afirma (WACQUANT, 2006, p.30):

Os efeitos da estigmatização territorial também se fazem sentir ao nível das políticas públicas. A partir do momento em que um lugar é publicamente etiquetado como uma zona de «não-direito» ou uma «cité fora da lei» e fora da norma, é fácil para as autoridades justificar medidas especiais, derrogatória face ao direito e aos costumes, que podem ter como efeito – quando não por objectivo – desestabilizar e marginalizar mais ainda os seus habitantes, submetê-los aos ditames do mercado de trabalho desregulado, torná-los invisíveis ou escorraçá-los de um espaço cobiçado.

Em consonância com essa visão, uma outra variável a sabermos é que os territórios em situação de pobreza, tornam-se alvos principais de uma indeterminação constitutiva. Ou seja, ao passo que esses territórios são entendidos como lugares que devem ser alvos das intervenções (políticas assistenciais do estado), compreende-se também que tais territórios são lugares da produção de uma violência incontável (MACHADO DA SILVA, 2008 apud BEZERRA, 2011)

Atento a tudo isso, nos estimulamos a pensar sobre as relações que se dão entre os municípios do Cazenga e os municípios de outros lugares, lá onde as pessoas são representadas como "civilizadas" e supostamente desenvolvidas "na qualidade de serem habitantes "dos centros da capital". Centros onde são refletidas as políticas públicas e a promoção da juventude como motor de desenvolvimento da nação e que "devem" beneficiar das oportunidades dos investimentos públicos e privados. Não será ao passo disso que devemos nos ater na hipótese

de que a manutenção do estigma está relacionada principalmente à condição periférica e dependente em relação ao mercado de trabalho em Luanda originada pela falta de políticas públicas para juventude?

Nessa medida que adiantamos ao que se pode observar: jovens do município do Cazenga sentem-se cada vez mais atraídos a buscar socializar-se com os outros munícipes a fim de se sentirem parte do centro, pois a periferia enquanto lugar residido por pessoas majoritariamente pobres, está vedada pela estigmatização que macula a imagem que estes vêm a ter de si mesmo. Como afirma (PÉTONNET,1982, p. 149 apud WACQUANT,2006, p.29) “É vulgar as pessoas dissimularem a sua morada, evitarem ao máximo que tanto a família como os amigos as visitem, e sentirem-se obrigadas a desculpar-se por morarem num sítio difamado[...]”. Pois é comum muitos dos jovens do Cazenga alterarem o endereço de onde moram no seu *curriculum vitae*, sempre que esses vão à procura de emprego noutros lugares. Alguns por vergonha, até mesmo negam morar no município do Cazenga, quando se estão a conhecer com agentes doutros lugares. No entanto, não seria uma das consequências psíquicas causada pela estigmatização territorial aos agentes destes lugares estigmatizados?

Evidentemente é a existência de um certo sentimento de culpa por parte dos estigmatizados, que interiorizam a ideia da natural situação, ou seja, que eles se encontram naquele estado por merecer; por serem naturalmente atrasados, inaptos a participar ou a influenciar nas decisões políticas destinadas ao município, tudo isso devido a "natural" condição de terem nascidos ou crescidos num município destinado ao não desenvolvimento e ao abandono. Como afirmou (BOURDIEU, 1993, p.261, apud WACQUANT,2006, p.29 -30) “O bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam e que, por sua vez, o degradam simbolicamente [...]”. Com isso, certamente surge a brecha para exploração econômica e o isolamento ou a exclusão social.

É frequente observarmos jovens Cazenguistas recorrendo em todas as possibilidades na busca de melhores condições de vida, frequentemente por meio do trabalho assalariado. Assim, muitos dos jovens atentam-se a buscar manter relação de trabalho no centro da capital, onde na maioria das vezes encontram a mínima abertura para o serviço de empregado. Imersos numa forma de trabalho assalariado de péssima qualidade em que estes servem de mão de obra barata. (INGE TVEDTEN, GILSON LÁZARO, EYOLF JUL-LARSEN, MATEUS AGOSTINHO, p.16, 2018) “O emprego formal é particularmente raro nos aglomerados informais/musseques, e os que têm acesso ao emprego formal trabalham geralmente em profissões mal pagas como operário de construção civil ou guarda (os homens) e como empregada doméstica e de limpeza (as mulheres) ”.

Com vista a tudo isso, vimos mais uma vez que vale compreendermos e refletirmos sobre o contexto histórico e a situação atual do município do Cazenga, a partir de bibliografias que nos trazem compreensões sobre as discussões da problemática que nos atentamos em descrever e analisar. Então lembrarmos que o Cazenga é um município popularmente classificado como \*musseque, ou seja um dos municípios suburbanos de Luanda, habitado por uma população com menos recursos – comumente tratada por lugares dos pobres.

## 7.2. O Conceito de Gueto

Nesta seção trabalharemos a reflexão de Wacquant sobre o gueto. Tomamos aqui o cuidado de não classificar necessariamente o município do Cazenga como gueto, mas atentamos a identificar elementos em comum a essa perspectiva e assim poder fazer uma leitura profunda do contexto do Cazenga. Essa é uma realidade que nos permitirá uma compreensão metafórica e comparativa.

(WACQUANT, 2004, p.159) afirma que “Articular o conceito de gueto permite-nos distinguir a relação entre “guetização”, pobreza urbana e segregação[...]. Também nos permite salientar o papel do gueto como um incubador social e matriz na produção de uma identidade maculada”. Compreende-se que o estigma é um marcador que se articula a concepção de gueto. Ou seja: um dos elementos que constitui o gueto (WACQUANT, 2004 p.157). O que nesse âmbito, traduz a nossa temática. O autor cita que:

[...] na historiografia da diáspora judaica do começo da era moderna e durante o nazismo, como na Sociologia da experiência negra na metrópole do século XX e na Antropologia sobre a marginalidade étnica na África e na Ásia Oriental, [...] nas três áreas em que o termo é empregado, [...] o “gueto” denota uma área urbana restrita, uma rede de instituições ligadas a grupos específicos e uma constelação cultural e cognitiva (valores, formas de pensar ou mentalidades) que implica tanto o isolamento sócio - moral de uma categoria estigmatizada quanto o truncamento sistemático do espaço e das oportunidades de vida de seus integrantes. (WACQUANT, 2004, p. 155).

Aponta-se que apesar dessas linhas de pesquisa referidas acima tratarem do assunto com avidez, ainda assim nenhuma delas tomou o cerne da questão para si, a fim de fazer compreender do que faz do gueto uma forma social ou quais de suas características são constitutivas e quais são derivativas. Pelo contrário, em sua época tiveram referido ao gueto, partindo dum entendimento parecido a do senso comum existente atualmente (WACQUANT, 2004, p. 155). Visto ainda que no ano de 1990 elevou-se o termo gueto para a conotação de

formas negativas ao referirem a qualquer traço de raça ou poder. O termo ainda foi redefinido como qualquer grupo de pobreza extrema não importando a composição populacional desses grupos. Fazendo com que o termo voltasse a expressar o que se entendia como *slum*. Nessa sequência o termo continuou sendo desfeito e até aplicado ao estudo dos padrões socioculturais específicos dos homossexuais nas cidades de sociedade ditas avançadas, como resposta do estigma e à libertação *gay*. E ainda desfeito na Europa Ocidental, dado aos debates científicos e políticos [...] (MINGIONE, 1996, LEVINE, 1979, p. 31 apud WACQUANT, 2004).

Segundo (WACQUANT, 2004, p.156-157) [...] na última metade do século XIX, o termo era usado para referir-se a aglomerados residenciais de judeus - europeus nos portos do Atlântico e que era nitidamente diferente do que se entende como *slum* no que tange a sua forma de moradia precária. Justifica-se que os diversos conceitos relacionados ao gueto sejam a grande parte da confusão que lhe contorna. No entanto se sugere descrever e discutir o que é gueto levando em conta seus elementos intrínsecos, pois somente desse jeito se poderá trazer uma compreensão mais completa e sólida. Pois já afirmara o autor (WACQUANT, 2004, p. 155) “as Ciências Sociais fazem uso corrente do termo “gueto” de maneira descritiva, mas paradoxalmente não produziram uma definição analítica para o mesmo”.

Entretanto o autor Wacquant apresenta-nos os elementos que constituem o gueto e que também vimos pertinente observar no contexto do município do Cazenga através da metodologia proposta. Tais elementos são: o estigma, o limite, o confinamento espacial e o encapsulamento institucional (WACQUANT, 2004 p.157).

Sendo assim, (WACQUANT, 2004, p.158) convida a compreender que [...] “o gueto não é [...] uma área natural que surge pela adaptação ambiental governada por uma lógica biótica parecida com a cooperação competitiva em que se baseia a comunidade vegetal”. Sublinha - contrariando a fala do autor (Wirth 1928, p. 284-285 apud WACQUANT)". Entretanto é a percepção que o gueto não é obra do acaso, nem um fenômeno natural, mas que é de caráter social, como um projeto planejado a fim de atender certos interesses, privilegiar certos grupos e desprivilegiar outros grupos. Tal como vimos inicialmente na compreensão sobre o estigma.

Imersos nessa reflexão, autores trazem-no como evidência que “[...] a partir da II Guerra [...] o gueto negro foi reconstruído de cima para baixo por meio de políticas públicas de habitação, renovação urbana e desenvolvimento econômico das periferias, ações que visavam remediar a separação rígida entre os negros e brancos”. (HIRSCH, 1983, apud WACQUANT).

Mas, para uma compreensão cuidadosa, o autor diz-nos que nem todos os distritos que se encontram à deriva são necessariamente guetos, dando exemplo dos bairros brancos

decadentes das cidades desindustrializadas do Centro-Oeste norte-americano, as Midlands na Inglaterra, os vilarejos rurais deprimidos na Alemanha Oriental e Sul da Itália e as *vila misérias* da grande Buenos Aires no final do século XX ou ainda as favelas das metrópoles brasileiras que são retratadas como abrigo de abandono e de desordem. O autor diz que nada são senão bairros da classe trabalhadores, realçando que todos os guetos são segregados, mas nem todas as áreas segregadas são guetos. Dado que nem todos os guetos são pobres e que nem todas as áreas pobres são guetos, segundo o autor, não se pode assumir a análise da “guetização” com o estudo de *slums* e outros distritos de classe baixa da cidade. (WACQUANT, 2004, p.160):

[...] o erro da primeira Escola de Chicago consiste em “converter história em história natural” e considerar a “guetização” uma “manifestação da natureza humana” que seria parte da “história das migrações” (idem, p. 285), quando na verdade é uma forma muito peculiar de urbanização modificada por relações assimétricas de poder entre grupos[...], uma forma especial de violência coletiva concretizada no espaço urbano. Essa “guetização” não é um processo “descontrolado e sem concepção (WACQUANT, 2004, p.158).

Interessante observarmos que os estudos de Wacquant( 2004) sobre gueto, expressa o gueto como um produto de duas faces – referente a rivalidade externa que esse enfrenta e a afinidade interna que se expressa no consciente coletivo dos agentes internos.

Como exemplificado, o gueto de Frankfurt do século XVIII não era apenas um cenário de confinamento e perseguição, mas também um lugar onde os judeus estavam completamente em casa (GAY, 1992, p. 67, apud WACQUANT, p.159). Um ponto curioso e que achamos em comum ao contexto histórico do Cazenga, esse que não se tornou unicamente num espaço de armazenamento dos povos indígenas que foram agrupados pela força colonial como vimos nos anos de 1960 anteriormente, mas que também serviu de um lugar acolhedor de agentes diversos que mesmo atualmente têm vindo de alguns países vizinhos ainda, nomeadamente a República do Congo. Em busca de melhores condições de vida, atraídos pelo discurso das probabilidades na cidade de Luanda, especificamente pela chance de se fazer comércio informal no município do Cazenga nomeadamente no bairro da Mabor General e Hoji Ya Henda.

A partir de 2002, em tempos de paz, as actividades informais e cada vez mais precárias aumentaram a uma velocidade surpreendente. O número de comerciantes de pequena escala e não licenciados aumentou nas ruas – excepto na parte formal da cidade onde se tornou ilegal – assim como o número de lavadores de automóveis, guardas auto-nomeados, transportadores de bagagem, táxis motocicletas, prostitutas (INGE TVEDTEN, GILSON LÁZARO, EYOLF JUL-LARSEN, MATEUS AGOSTINHO, 2018, p.16).

Uma forma de comércio peculiar ao “estilo de vida” e das condições financeiras dos munícipes do Cazenga, mas que se apresenta como meio de subsistência para tantos outros sujeitos, que sentem-se inaptos de seguir com as dinâmicas e exigências noutros lugares da cidade capital. Por outro lado, vimos como uma questão do se identificar com quem encontra-se na mesma condição e, que de alguma forma acredita-se na possibilidade de ascendência coletiva fruto da cumplicidade existente. Assim como o autor Wacquant faz menção da dupla face do gueto sendo “arma e ao mesmo tempo escudo” (WACQUANT, 2004, p.159).

A partir da discussão acima, vimos como a compreensão do que é gueto traz elementos que se articulam a discussão sobre o contexto do município do Cazenga. E assim percebemos que “a guetização de fato é mais aguda no contexto das cidades de casta construídas pelo poder colonial[...]” (AUB-LUGHOD, apud WACQUANT, 2004, p.158). Em harmonia a essas discussões, a nossa compreensão diante das diversas concepções de pobreza, se dão paralelamente ao entendimento de bem-estar que vimos inicialmente. Assim sendo, deu-se o cerne da nossa discussão: o empobrecimento contínuo dum território e dos que nele habitam como consequência da estigmatização territorial.

## 8. REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa empreendida se sustenta na descrição e análise de características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre variáveis (GIL, ANTÓNIO CARLOS, 2008).

Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc (GIL, 2008, p28).

Levaremos em conta de que um único método nem sempre tende a ser o suficiente no ato de proceder com uma pesquisa, eventualmente poderemos vir a combinar este com o método exploratório que por sua vez oferece a possibilidade de modificar conceitos e ideias, na medida que há a formulação de problemas ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 2008).

Outras pesquisas deste tipo são as que se propõem estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra etc. É incluída neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população (GIL, 2008, p.28).

Teremos como campo de estudo o município do Cazenga com agentes que estejam entre os 18 anos a 40 anos de idade que lá residem e com oriundos do município que atualmente residem no Brasil. Tendo como objeto de estudo o fenômeno estigmatização e suas consequências psicossociais, busca-se fazer uma abordagem qualitativa da problemática com base em análise de dados documental (de imprensa) e entrevistas.

Retomando: a análise se organizará em três vetores: 1) o processo de desenvolvimento histórico - social e urbano de Cazenga; 2) a construção de representações sobre o município a partir da imprensa. 3) as consequências psicossociais da estigmatização territorial na vida de jovens.

Inicialmente nos atentaremos nas bibliografias existentes que narram o processo histórico-social e urbano do município. Segundo período como marcado acima, será o acompanhamento dos comunicados de imprensa nacional de Angola, onde nos atentaremos aos discursos e ações dos poderes públicos e de movimentos de contestação social. No terceiro

período buscaremos observar as consequências psicossociais da estigmatização territorial na vida de jovens do Cazenga, por meio das entrevistas a serem feitas com os agentes e por meio da pesquisa participante. Essa que surgem e recriam diferentes bases teóricas e conseqüentemente diversas formas de construção dos conhecimentos sociais, por meio da pesquisa científica (BRANDÃO; BORGES, 2007). Será também uma iniciativa de estimular os jovens cazenguistas para reflexão das suas próprias vivências em grupo, integrá-los a essa experiência científica de se produzir conhecimento.

Em suas diferentes vocações, as pesquisas participantes atribuem aos agentes populares diferentes posições na gestão de esferas de poder ao longo do processo da pesquisa, assim como na gestão dos processos de ação social dentro da qual a pesquisa participante tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica ou um momento de um trabalho popular de dimensão pedagógica e política, quase sempre mais amplo e de maior continuidade do que a própria pesquisa (BRANDÃO; BORGES, 2007,p.53).

Portanto, como instrumento de análise dos dados sobre as subjetividades e representações existentes na e sobre a realidade do Cazenga, nos apoiaremos nestes referenciais teórico-metodológicos e na realização de entrevistas semi-estruturadas.

## 9. PLANO DE ATIVIDADES E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

CRONOGRAMA											
ETAPAS	2018.2					2022					
	Fevereiro 1	Março 2	Abril 3	Maió 4	Junho 5	Julho 1	Agosto 2	Setembro 3	Outubro 4	Novembro 5	Dezembro 6
<b>Pesquisa bibliográfica</b>	X	X									
<b>Leituras e Fichamentos</b>				X	X						
<b>Entrevistas</b>			X	X							
<b>Transcrição das entrevistas</b>					X	X					
<b>Análise dos dados da pesquisa</b>						X	X				
<b>Escrita do TCC – Elaboração do</b>						X	X	X			
<b>Defesa TCC – Apresentação do projeto para banca examinadora</b>									X		

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

BEZERRA LEILA MARIA PASSOS DE SOUZA - Sentidos da pobreza e do viver em territórios estigmatizados: versões de moradores do Grande Bom Jardim em Fortaleza-Ce, Jornada internacional de políticas públicas, 23 a 26 de agosto, 2011. Disponível em : <[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/DESIGUALDADES\\_SOCIAIS\\_E\\_POBREZA/SENTIDOS\\_DA\\_POBREZA\\_E\\_DO\\_VIVER\\_EM\\_TERRITORIOS\\_ESTIGMATIZADOS.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/DESIGUALDADES_SOCIAIS_E_POBREZA/SENTIDOS_DA_POBREZA_E_DO_VIVER_EM_TERRITORIOS_ESTIGMATIZADOS.pdf) >

BENEVIDES, Maria Victoria, Violência, povo e polícia: Violência urbana no noticiário de imprensa, Editora Brasileira, 1983

BRANDÃO[b], C.R, BORGES[c] M. C, A pesquisa participante: um momento da educação popular, Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan. /dez. 2007

Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/viewFile/19988/10662> >

CIDADE[a],E.C, MOURA JR., J.F[b], XIMENES, V.M [c], Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latino-americano, Psicol. Argum., Curitiba, v. 30, n. 68, p. 87-98, jan./mar. 2012. Disponível em: < <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20087> >

DOS SANTOS, Daniel, Encontro entre pobreza e moral em Luanda: Urbanização, direitos e violência, Revista Sociedade e Estado - Volume 30 Número 1 Janeiro/Abril, 2015.

FREIRE, Paulo, Ação cultural para a liberdade. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981

GOFFMAN, Erving. Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, LTC, Quarta edição, 1988.

GIL, Antonio Carlos, Métodos e Técnicas de Pesquisa social, 6ª edição, são Paulo, Editora Atlas S.A,2008.

INGE TVEDTEN, GILSON LÁZARO,EYOLF JUL-LARSEN, MATEUS AGOSTINHO: pobreza urbana em Luanda, Angola CMI Relatório, número 7, Abril 2018

Disponível em : < <https://brage.bibsys.no/xmlui/handle/11250/2496599> >

MOURA JR., J. F., CIDADE, E. C., XIMENES, V. M., SARRIERA, J. C. *Trends in Psychology / Temas em Psicologia: Concepções de Pobreza: Um Convite à Discussão Psicossocial* – 2014, Vol. 22, nº 2, 341-352 DOI: 10.9788/TP2014.2-06

Disponível: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n2/v22n2a07.pdf> >

PRAIA, João, GIL-PÉREZ, Daniel, VILCHES, Amparo, O papel da natureza da ciência na educação para a cidadania, 2007.

Disponível em: < <Http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v13n2/v13n2a01>>

WACQUANT, Loic, A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada, 1997.

\_\_\_\_\_, Que é gueto? Construindo um conceito sociológico, rev. sociol. Polít. Curitiba, 23, p.155-164, nov. 2004. Disponível em: <

<http://www.observatoriodeseguranca.org/files/24629.pdf> >

\_\_\_\_\_. *Parias urbains. Ghetto, banlieues, État*, Paris: La Découverte, 2006.

Disponível: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4618.pdf> >

UCCLA- UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2013.

Disponível em < <https://www.uccla.pt/membro/cazenga>